Anais do Semana de Ciência e Tecnologia da PUC Goiás 2014
Disponível em: http://pucgoias.edu.br/ucg/prope/pesquisa/anais/2015/index.htm
ISSN: 2177-3327

CORPO E TOTALITARISMO EM A ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO

TEODORO GONÇALVES SILVA[1]
ANTÔNIO LUÍZ SOUSA
(ORIENTADOR)

RESUMO

O artigo tem por objetivo uma reflexão sobre o corpo no regime totalitário. Pretende se analisar o papel que se atribuiu ao corpo em diferentes momentos da história, incluindo a importância; o uso; e as diversas formas de compreendê-lo. Para tanto foram utilizadas algumas das principais concepções de autores a respeito do tema. Espera-se como resultado uma compreensão do que tenha sido a desumanização do indivíduo através abdicação e uso de seu corpo no regime totalitário em prol do Estado para que se possa formular alguma postura a respeito, que seja ao menos um caminho para perceber até onde vai a ganância humana pelo poder.

PALAVRAS CHAVES: Corpo, poder, regime e destruição

ABASTRACT

The article aims to reflect on the body in the totalitarian regime. Aims to analyze the role that has been assigned to the body at different times in history, including the importance, the use, and the various ways of understanding it. To do so we used some of the main concepts of authors on the subject. It is expected as a result of an understanding that has been the dehumanization of the individual through the abdication of his body and use the totalitarian regime in favor of the state so that you can make some stance on that is at least one path to realize how far does human greed for power.

KEYWORDS: Body, power, system and destruction

[1] Teodoro fez filosofia no seminário católico em Ribeirão Preto/SP (1981à 1983) e teologia iniciada em Ribeirão Preto/SP em 1983 e concluída em Goiânia no seminário Santa Cruz em 1987 (cursos livres). É licenciado, bacharelado e graduado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2006. É também pós-graduado em educação-Docência Universitária pela mesma instituição (2006-2007). É graduado em História também pela Puc-goiás em 2012 e pós-graduado em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás (UFG/Goiânia).

Rubem Alves, em uma de suas obras, Variações Sobre a Vida e a Morte – um livro, aliás, muito bom –, faz reflexões sobre a questão do corpo. Muito interessante, é a anedota que ele conta do casal de velhos que foi ao geriatra.

Nesta obra, ele nos leva a refletir, como até a nossa linguagem em relação ao corpo é mesclada de desvirtualidade.

Isto porque, temos uma herança judaico-critã, em que o corpo era visto como algo negativo, causador de pecado e de todas as desvirtudes. Já Platão, tratava o corpo como sendo a prisão da alma, como o causador de todo o mal, que não deixava o espírito ser livre. Evidentemente, com toda essa herança, a visão cristã, não teria como ser diferente.

O corpo, em diferentes momentos da história, vai recebendo atributos vários. Na idade média, o que valia era ser gordo; o homem ou a mulher gordos (as) eram sinônimo de saúde, bem estar. Já nos nossos dias, acontece o contrário: quanto mais magro, mais saudável. Daí surgirem as oficinas de modelação do corpo; as chamadas academias.

Assim, o corpo vai sendo usado, ao bel prazer das pessoas, em cada período histórico.

E, para o totalitarismo, para a Arquitetura da Destruição? Como o homem, segundo essa concepção, é visto? O corpo humano tem alguma importância, como ele é tratado segundo as práticas dessa concepção, desse seguimento? É o que tentar-se-á refletir no decorrer dessa dissertação.

O corpo, em situações múltiplas, fora em alguns momentos cobrado; deveria sacrificar-se para poder purificar-se; em outros, também cobrado, para se modelar, para ser mais belo, mais eficiente, mais produtivo. Tudo isso numa perspectiva positivista/pragmática: ser limpo, ser produtivo, ser belo. Mas, afinal, qual deve ser mesmo a função do corpo; ou mais precisamente, qual a sua importância?

Para Mendonça (1996) em sua obra, O Mundo Precisa de Filosofia, tem um capítulo que nos faz refletir sobre a importância da inutilidade. Numa perspectiva filosófica, segundo o autor, *há a necessidade de uma inutilidade, de um não serve para nada das coisas.* No entanto, o homem vive querendo dar significado a tudo, valorizar tudo, tirar proveito de tudo. Qual é afinal o valor das coisas; não se estaria então, por demais sem sentido, que se teria essa necessidade extraordinária de dar sentido a tudo?

Segundo o autor, “o útil”, é um meio, um instrumento, não tem valor por si só. Como, pois, se deve elevar o útil a um valor primeiro, quando isto é secundário? Numa visão filosófica, portanto, não deve haver essa carência extrema de dar sentido a tudo. A vida, as coisas, também têm a sua importância, mesmo se em algumas situações pareçam não ter sentido.

Assim também a partir desta visão do autor, pode-se levantar aqui um questionamento: porque exigir tanto do corpo? Porque ele deve ser o primeiro a ser cobrado, para se poder atingir objetivos e metas?

Para o autor, “os atos inúteis, no sentido de atos que tenham fim em si mesmos, definem a vida humana na ordem da perfeição e da liberdade”. (Mendonça, p. 133).

Isto porque, a vida não é tão complicada e rígida como muitas vezes parece; a rigidez e complicação da vida procedem dos atos e atitudes dos humanos. Também do corpo, não se poderia exigir menos dele? Se assim fosse, será que não se sentiria melhor, ou se faria uma experiência corporal menos pesada e mais digna dos humanos frente ao corpo.

A existência lúdica apresenta-se com muita ênfase na infância, mas não é uma realidade só dessa fase da vida. Segundo o autor, será quando menos, da infância de todas as idades. O menino que levanta pipa, que joga pedra nas janelas das casas, brinca, joga bola, etc; ele deve ser manifestado em todas as fases da vida. A aridez da vida, não encontraria sua razão de ser, exatamente na ausência desse moleque, menino sapeca, travesso, que os homens e as mulheres são obrigados a banir de sua existência tão cedo?

O esporte, a excursão, o turismo, o não fazer nada em alguns momentos da vida, são formas de vida lúdica. O homem necessita disso fundamentalmente para a sua saúde psíquica, orgânica; o não ser *prático* em alguns momentos, pode, sem dúvidas, possibilitar ao corpo, saúde, descanso e benefícios vários.

O existir estético é outra manifestação do existir inútil. Quem sabe talvez, uma das dificuldades que não deixa o corpo ser saudável, e portanto o homem, é, quem sabe, o querer dizer tudo, explicar tudo, falar sobre tudo. Há realidades benfazejas ao homem, que podem ser indizíveis, porque se completam no não dizer, no não fazer, no não ser. Não ser prático, não dizer

nada, não fazer nada, não ser nada, poderá talvez ser muito mais saudável ao homem (corpo), do que querer ser tudo.

Especular desinteressadamente, uma atitude intelectual nessa direção é uma forma de existência inútil. Representa o desenvolvimento da inteligência na perfeição de si mesma. Porque ter que mostrar resultado e eficiência em tudo o que se faz? Uma das causas de muitas doenças corporais e psíquicas não estaria aí, sutilmente apresentada, como o *eu posso, o eu faço, o eu sou capaz, produzo*, e muito mais?

Também a existência moral, deve ser vista não pelos atos externos; mas pelas atitudes que refletem um estado de perfeição do sujeito que as pratica.

No nosso dia-a-dia é comum se ouvir: "fulano é gordo porque não se cuida, é comilão – ainda mais nos nossos dias em que a *magreza* é a *virtude* número um da sociedade. Assim sendo, *que moral, que beleza,* o gordo/gorda pode transmitir, ou melhor, representar? Fulano ou fulana é bonito(a) de rosto, mas de corpo?!

Esses preconceitos todos, são contestados por Sigmund Freud em sua obra, *O Mal Estar na Civilização.* Para a concepção freudiana, o próprio homem cria uma gaiola e se tranca dentro dela. Assim, ele fica escravo dos ídolos que ele mesmo criou. Daí a razão do mal estar. As pessoas são capazes de criar normas e leis para as escravizar.

Segundo Rubem Alves (1982), psicanalista, seguidor de Freud e educador, o homem criou tantas amarras e escravidões para o corpo, que até a linguagem em relação ao mesmo, tem sentido duplo. É o caso da piada do casal de velhos que foi ao geriatra: O médico passou a receita, e indicou como deveriam proceder, quais os remédios deveriam tomar. Um mês depois, o casal voltou, a velhinha toda faceira e, o velhinho, misantropo, as pernas bambas; o geriatra nessas alturas perguntou-lhes: o que deu errado? Ao que o velhinho respondeu: o senhor mandou, e, eu comi "a veia" três vezes ao dia. Quando o médico o mandou comer aveia três vezes ao dia. (p. 158).

Ao que o autor conclui: dualidade, ou melhor, sentido dúbio da linguagem; um fala uma coisa, o outro entende outra.

Algo que é sério se torna engraçado, a piada do casal de velhos; o gordo obeso, se torna alvo, motivo de gargalhada para o não gordo, ou até para o gordo que *se faz magro*, para poder não perder a piada em relação ao outro.

Assim são as coisas que dizem respeito ao corpo: ora significam uma coisa, ora significam outra.

Também, isso em outro momento, pode quebrar a rigidez da vida; assim, os ídolos vão sendo quebrados, as certezas serão zombadas, e assim o homem vai se tornando livre para rir de si mesmo, pois sem essa maleabilidade entre seriedade/graciosidade não é possível brincar. Aí a vida se tornará muito dura.

O corpo propicia essas traquinagens todas: o sério se torna menos sério; o triste, menos triste. A arte de fazer dar gargalhadas é gerada no corpo; um corpo não saudável não propiciará essa graça do riso; e o riso, segundo o autor, é a face alegre da confissão de pecados. Pois o perdão é um golpe inesperado que a graça aplica sobre as expectativas que a vida construiu. Vem a tona a gargalhada, a alegria de se livrar da culpa, os demônios fogem, com seus livros-caixas e, diante da graça, da leveza e da bonança, aquilo que era medo, incerteza, falta de perspectiva, se torna, transforma-se em confiança; a criança, a graciosidade revivem, levantam-se, surgem de dentro do corpo judiado, sofrido, machucado. E, a esperança se refaz.

Me recordo agora, de um retiro que participei com D. Luciano Mendes de Almeida. Ele disse que: “a esperança é uma menina sapeca, que sobe morros e desce despenhadeiros e, não se deixa inibir diante dos desafios”. O corpo é assim: basta dar-se a ele condições de vida, que o mesmo se refaz, desperta e, brotam do mais profundo do mesmo, as esperanças, alegrias, auto-estimas e vontade de viver! Basta deixar o corpo viver que ele viverá.

Em sua obra, *O Pequeno Príncipe*, Exupéry coloca-o dizendo: “as pessoas grandes não entendem nada; e fica difícil para as crianças ficarem explicando”. Belíssima imagem. Os grandes, que sabem tudo, raramente entenderão a linguagem e atitudes do corpo. As crianças, que pouco entendem as “sabedorias ensinadas”, estas entenderão. Porque o corpo não é para ser entendido; este é para ser experienciado, sentido, tocado, vivenciado. Bendito corpo, que não se deixa escravizar pelas “sabedorias”, ou filosofias que o colocam dentro de redomas, que o escravizam e não o deixam ser corpo, mas o fazem uma figura escravizada, moldada e manipulada pelos saberes que dizem saber tanto e, não enxergam-no.

> O riso que despedaça os ídolos...
> E o mundo, livre dos ídolos, se transforma em jardim dos prazeres: tudo é permitido, desde que o nome sagrado continue a ser invocado em silêncio e o ruído do riso continue a exorcizar demônios... e o trabalho, e o pão, e o vinho, e a dança, e as canções,e as carícias, e o vento, e os pássaros, e os lírios dos campos, e o cheiro dos romãs depois da chuva, e da bem amada antes do amor, e do descanso, o sábado, a utopia do Reino de Deus, e viu Deus que tudo era muito bom, e o seu coração se alegrou vendo a alegria dos homens, a quem ele amou e criou para a felicidade, a liberdade...
> Mundo que é brinquedo... (p. 164)

Assim, o corpo bebendo dessa leveza, que nada mais é do que se deixar ser, se envolver da graciosidade do existir, o mesmo se tornará fonte de dons, liberdade, prazer, alegria e felicidade. Pode parecer muito poético ou abstrato, mas para onde vão a inteligência, a alma, o espírito, os prazeres, saberes, sem o corpo? Este é nostalgia, poesia e fantasia. Segundo Alves (1982),

> Por mais diferentes que sejam as coisas que seus corpos fazem, em seus corações arde o desejo de que a realidade seja abolida. E é exatamente a nostalgia do exilado e o gosto do feiticeiro, que se anunciam pela primeira vez no brinquedo, quando as crianças, no jogo de faz de contas, transformam o que é no que não é, e o que não é naquilo que é. (p. 169).

Talvez, se o homem contemporâneo aprender a brincar, saber lidar com as pontas de vidro que a vida sutilmente traz, a cada um, no seu cotidiano, quem sabe, encontrará o verdadeiro colorido, o prazer de viver, pois a vida não é fabricada; ela acontece através do que aos “sábios” pode parecer infantilidade. A vida pode se tornar parceira da menina travessa (esperança), de que falava D. Luciano. A vida corporificada e, não uma vida “superior” ao corpo.

Lenharo (2007), se referindo à questão da homossexualidade e prostituição no totalitarismo nazista, segundo essa mentalidade, o homossexual era culpabilizado por- que desperdiçava sua energia sexual em relações absolutamente improdutivas; aqui, o que diz respeito ao corpo não conta, mas sim o não gerar filhos para estarem a serviço do estado. Segundo o autor, em algumas circunstâncias, aquilo que se referia á homossexualidade era destacado: soldados nus, feridos e abraçados, em alegorias sobre a

camaradagem viril e militar; outras manifestações artísticas, estátuas de THORAK, pautavam-se por uma evidente dimensão homossexual.

Vê-se também, que a questão da moralidade aqui é contraditória: nada de exaltar o corpo, mas, apenas preserva-lo para estar bem disposto para servir, e servir plenamente ao estado nazista.

Essa moral contraditória faz lembrar o filme Beleza Americana (comentário à frente).

Essa perspectiva diverge radicalmente do que até a pouco, vinha se refletindo sobre a grandeza e importância do corpo. Aqui é um cuidado utilitarista, com fins de utilizar o corpo como prestador de serviços, e não no sentido de valoriza-lo, exaltar sua importância e grandeza.

Ainda segundo Lenharo, a homossexualidade feminina não sofria nenhum tipo de repressão por parte do totalitarismo nazista, isto porque, a mulher homossexual podia gerar filhos, e assim, não sofria nenhum tipo de repressão. Que visão de homem! Aqui, tanto a mulher quanto o homem, são objetos manipuláveis.

Quanto à prostituição, o estado preferiu intervir no mercado e organizar o atendimento. Isto é, o estado controlava as pessoas. As mulheres que insistissem em trabalhar por conta própria eram castigadas e enviadas aos campos de concentração.

Como se percebe, este é o tipo de prática que tolhe todas as iniciativas das pessoas; o sujeito não existe; portanto ele(ela) não pode escolher. O estado escolhe por ele(ela). Terrível! Pode se dizer que é o mais refinado grau de desumanização. O ser pessoa não existe. Existem indivíduos manipuláveis pelo estado.

Comentando sobre o filme Beleza Americana, o mesmo nos leva a refletir sobre uma moral dúbia: de um lado, o pai de família que se mostrava por demais rigorista quanto aos princípios morais e, no entanto, no momento oportuno, se jogou nos braços do rapaz vizinho, pelo qual ele sentia atração. Tanto rigor e apego aos “princípios morais”, manifestados tantas vezes nas atitudes do personagem, em apontar e reprovar o comportamento dos outros, nas entrelinhas, nada mais tinha a dizer senão acobertar, ou mais precisamente aquela afirmação conhecida: “para inglês ver”. Ou seja, jogar uma realidade embaixo do tapete. Uma atitude hipócrita, portanto.

Psicologicamente, é uma atitude de defesa/ataque: apontando as falhas dos outros esconde-se as suas. Será? Nada mais que uma ilusão: aquele que está bem consigo também fará tudo para o bem estar do outro. Portanto, para defender a verdade, e cuidar dos valores humanos, não há necessidade, em momento algum, de apontar falhas nos outros. Mas, como diz um jargão psicológico, apontar falhas nos outros é fácil, pois se aponta o dedo na direção dos outros; apontar as suas, é difícil, pois dobra-se o dedo para o seu lado. Aí, ninguém quer.

Ouvindo FOUCAUT:

> É preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dize-las até que elas me encontrem, até que me digam estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado ao limiar de minha história, diante da porta que se abre sobre minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse. (2006, p.6).

Se a interpretação estiver certa, este pensamento do autor ilustra bem o que se disse no parágrafo anterior; dizer, falar, acusar, talvez seja insegurança, para que não digam nada sobre si. Não é uma atitude moralista, mas talvez seja interessante usar aquele dizer popular: “quem tem telhado de vidro, não deve jogar pedra no telhado dos outros”.

MOSCOVICI (2011), em sua obra, A Invenção da Sociedade: Sociologia e Psicologia, parte I, item 1, fala da máquina de fazer deuses; e, para ele, essa máquina é evidentemente, a sociedade. Isto porque, os costumes, as tradições, a cultura e etc., vão se condensando socialmente e o indivíduo, pessoa, terá que se enquadrar aos parâmetros que lhe são impostos pela mesma. Ele não tem escolha.

Partindo dessa afirmativa moscovicista, pode se dizer também, que foi essa mesma sociedade que permitiu surgir um sistema totalitário, com a ascensão ao poder, na Alemanha, nos anos 1933 a 1945, de A. Hitler, e, este, quis que os homens, os corpos fossem trabalhados, moldados, para que o estado tivesse-os ao seu dispor. A sociedade, segundo o autor, fabrica deuses; o totalitarismo quis fabricar superhomens, super-corpos.

Isto precisa ser dito porque, o que foi permitido ontem, poderá ser amanhã. E, as atrocidades do totalitarismo foram tantas, que não se pode fazer de conta que se esqueceu. Deverá ser comentado, falado, para que essa

mesma sociedade permissiva não se esqueça, e, não permita que tal realidade volte jamais.

Aliás, essa é uma das preocupações de Hanah ARENDT, quando se refere a tal assunto.

Para ARENDT (2006), “estas soluções totalitária podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitaristas, sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica, de um modo digno do homem.”

Portanto, não esquecer, não descuidar; pois, segundo a concepção da autora, essa práticas do passado, não se está totalmente isento delas; o risco do horror pode voltar a existir.

Para ARENDT, os campos de concentração agiram como verdadeiros laboratórios nos quais se experimentou a transformação da própria natureza humana, mediante a destruição da espontaneidade de cada pessoa, tornando-a intercambiável e supérflua. Isto é, um ser morto: sem vontade, sem destino, capacidade e assim por diante. Em síntese, um corpo morto!

Situação que levava as pessoas ao estado de não-vida: não tinham gosto, não podiam querer (o que?), possivelmente apenas morrer! Isto talvez fosse alívio, a ter que estar na não-vida. Para sugar do homem a alma, a força de viver, o totalitarismo levou as pessoas ao estado de desamparo, de terror; minar no homem, aquilo que ele mais presa: a sua dignidade.

Como a própria ARENDT afirma,

> O desamparo organizado é consideravelmente mais perigoso que a importância desorganizada de todos aqueles que são governados pela vontade tirânica e arbitrária de um único homem. Seu perigo é que ele ameaça devastar o mundo como o conhecemos – um mundo que em toda parte parece ter chegado a um fim – antes que um novo início, surgindo desse fim, tenha tido tempo de se estabelecer. (p. 531).

Daí a necessidade de o mundo não esquecer, para que nada disso volte. O homem na sua sede e busca do poder, é capaz de tudo. Até mesmo das piores barbáries. Que isto não fique apenas nas páginas dos livros, mas não volte a ser escrito nas páginas da história.

A concepção do corpo para a Arquitetura da Destruição, é portanto, uma busca de uma perfeição irreal, obstinada, e que leva o corpo a ignorar-se,

desintegrar-se, e destruir-se em nome de ume estado que o suga, explora e mata.

O filme A Arquitetura da Destruição, pode ser um bom caminho para se chegar a algumas conclusões; ou formular-se as posturas e pontos de vista. Num primeiro momento lembra o comportamento das pessoas no período chamado de belle èpoque; onde, se exaltava muito o fútil, aquilo que não tinha lá grande importância. Exaltava-se o menos importante, as aparências tinham que ser mantidas. É isso que se constata em toda a pompa, preocupação excessiva e megalomanias várias que eram apresentadas ao povo. A preocupação com o corpo, mostra-lo sempre robusto, belo, saudável.

LENHARO (2007), ao apresentar a preocupação do nazismo com o triunfo da beleza, nos faz refletir sobre isto; ao afirmar que Hitler considerava que a propaganda deveria atingir as massas o mais que pudesse, e, não era necessário falar de coisas profundas e complicadas. Dever-se-ia atingir as massas com uma mídia persistente, pois a população não tinha capacidade para apreender coisas mais elevadas. A propaganda deveria conter-se a pequeníssimos pontos, repetidos constantemente. Uma preocupação constante com pouca coisa; ou melhor, “pouco barulho por nada”, utilizando o nome de um filme.

O culto ao classicismo. O cinema, a pintura, foram utilizados para enaltecer as idéias do idealizador do totalitarismo nazista. Hitler achava que a arquitetura deveria expressar a grandeza do regime, de um povo, de uma época. Ideologicamente, a cultura, as artes, foram usadas para impor uma vontade, para fazer que essa vontade se cumprisse, de uma pessoa que representava o estado alemão. Era tudo para o estado e pelo estado. Tudo teria que ser extraordinariamente grande, belo, melhor que tudo o que já tinha acontecido na história até aquele momento.

Aliás, antes de Hitler não houve nada; tudo começou com ele. Ele rompe com o passado e é a partir dele que tudo começa.

Mas, quando esse corpo não correspondia era atirado fora. É o que aconteceu com as pessoas que foram mortas, as que foram mandadas aos campos de concentração. Aquelas e aqueles que nasciam com problemas físicos ou mentais teriam que ser eliminadas do meio dos “normais”. Não tinham utilidade. Não serviam para satisfazer aos desejos do estado.

Era “o céu na terra”, ao serem apresentadas as grandezas totalitárias, e era o “inferno na terra”, ao serem executadas. Usando uma expressão de LENHARO, era “o triunfo da mentira”; isto é, uma realidade era apresentada, mas era outra coisa que acontecia.

Além de todas as barbáries, houve também – não poderia deixar de haver –, a perseguição aos intelectuais, figuras que apresentavam *ameaças* à ideologia megalomaníaca de Hitler.

De acordo com GAY (2001), Max Eitingon, Otto Fenichel, Erich Fromm, Ernest Simmel, todos psicanalistas, tiveram suas obras censuradas e, tiveram que sair da Áustria. Freud também, não foi diferente. Com a invasão da Áustria pelo nazismo, teve que sair e se refugiar na Inglaterra, onde faleceu em maio de 1939.

Segundo GAY, “em 10 de maio de 1933, os nazistas incluíram Freud, indiretamente, em suas perseguições, numa espetacular queima de livros (...)”. e muitos outros, tiveram suas obras excluídas: Thomas Mann, Albert Einstein, etc.

Nada que pudesse ser ameaça ao totalitarismo que pudesse se colocar á frente: teria que ser banido para o caminho ficar livre.

Aliás, é uma das táticas dos ditadores: limpar o caminho, tirando tudo de sua frente que lhe pareça ou possa ser ameaça. Tão “forte”, mas ao mesmo tempo, tão frágil, que não suporta o diferente.

De acordo com CASTRO (2009):

> No final das contas, o nazismo é, com efeito, o desenvolvimento, até o paroxismo, dos novos mecanismos de poder que se haviam estabelecido a partir do século XVIII, (...). Foucalt põe em discussão a noção de nazismo e de fascismo que surge das análises marxistas: ditadura terrorista de fração mais reacionária da burguesia. Os fenômenos históricos do nazismo e do fascismo, não teriam sido possíveis sem que uma parte importante da população se encarregasse das funções de repressão e de controle (p. 304).

Isso foi dito acima, quando se refletiu sobre o papel da sociedade. Se o indivíduo não encontra respaldo na sociedade, ele não irá adiante com suas ideias e posturas.

Viu-se no elencar das reflexões feitas, como o homem é capaz de cometer loucuras, em nome de uma postura e ideologia descabida; apenas para satisfazer seus caprichos e vaidades.

Assim, para fechar ou concluir, queria citar um trecho bíblico: Eclesiastes 1,2 “Vaidade das vaidades – diz coélet – vaidade das vaidades tudo é vaidade” e ainda o v. 9 do mesmo capítulo: “o que foi será e o que se fez se tornará a fazer; nada há de novo debaixo do sol.”

Mediante esse texto da Sagrada Escritura, pode se fazer aqui o seguinte questionamento: Que proveito tira o homem, de cometer tanta maldade, matar, aniquilar e se impor sobre os outros? A que isto leva? Talvez, fosse interessante finalizar com um dizer popular, porém, sem nenhuma conotação moralista, apenas para servir de reflexão: “Quem semeia vento, colhe tempestade;” e “quem planta carrapicho, não espere colher couves”. O homem, com sua sede de grandeza e poder, continua o mesmo: no passado e no presente ele pode cometer as maiores atrocidades. E no futuro? Depende do que hoje for semeado.

Referências

ALVES, Rubem. Variações sobre a vida e a morte. São Paulo: Paulinas. 1982.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo: anti-semitismo imperialismo totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

CASTRO, Edigardo. Vocabulário de Foucalt. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.

Escola Bíblica de Jerusalém & Paulus. *Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Paulus. 2002.

EXUPÈRRY, Antoine de Saint. O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir. 2000.

FOUCALT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola. 2006.

GAY, Peter. Freud: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. A Crise do Século XX. São Paulo: Ática. 1991.

MENDONÇA, Eduardo Prado de. O Mundo Precisa de Filosofia. Rio de Janeiro: Agir. 1996.

MOSCOVICI, Serge. A Invenção da Sociedade: sociologia e psicologia. Petrópolis, Rj. 2011.

ISSN: 2177-3327